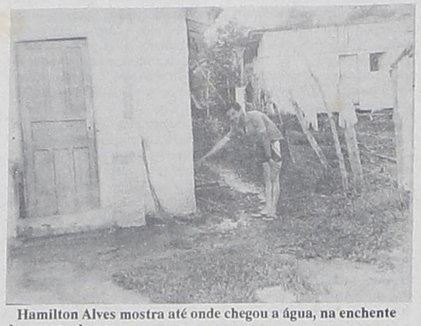
Na favela, o lado oculto da cidade

O quadro é de abandono. Um grupo de aproximadamente 200 famílias vive o drama da moradia em condições sub humanas no Núcleo Habitacional Mathias Batista. Concebida há mais de 10 anos como "padrão" para o desfavelamento, a idéia faz água por todos os lados, literalmente. O esgoto a céu aberto se confunde com as águas do pequeno córrego que rotineiramente invadem as casas aos fundos do loteamento. A carência é total. Os moradores reclamam a atenção do poder público e apresentam uma lista de reivindicações de fazer inveja a qualquer região menos desenvolvida do terceiro mundo. De favela a núcleo e de volta à favela. O local se revela um perfeito criadouro para o vibrião do cólera. Miséria e desânimo, ingredientes da dura sobrevivência. Acima de tudo os moradores temem pela saúde das crianças. Falta tudo, mas eles se dão por satisfeitos com o saneamento básico e o aprofundamento do leito do rio.

Fotopar

No fim da Rua 7, a passarela improvisada para evitar os esgotos.



Hamilton Alves mostra até onde chegou a água, na enchente do começo do ano.

Além dos dejetos sanitários o riozinho recebe toda sorte de poluição.

O núcleo foi construído em 79, pela Cohab de Curitiba, ao longo da Avenida dos Expedicionários, próximo ao antigo matadouro. A favela que se formava no local foi urbanizada e os moradores receberam casas do tipo embrião (com apenas uma divisória interna), em alvenaria, com 18 metros quadrados. Desde então o conjunto passou por um processo gradual de "refavelamento", com ampliações e emendas nas casas e construção de barracos de madeira e de materiais reaproveitados nos terrenos de 450 metros quadrados, aproximadamente. A população inicial dobrou e os investimentos públicos estacionaram. O Mathias Batista tem duas partes distintas: a alta e a baixa, onde os problemas se acentuam. Alí os lotes se espremem em uma faixa de terreno de 50 metros entre a avenida que vai ao bairro do Itaqui e o córrego com leito de pouco mais de um metro de largura. O declive da área é acentuado, fazendo com que as últimas casas fiquem praticamente no mesmo nível do riachinho, propiciando seguidas enchentes em temporadas chuvosas. Acordar com água dentro de casa é normal.

PARA ONDE IR?

A servente de cozinha Maria Áurea de Freitas, 57 anos, casada e mãe de dois filhos, moradora da Rua 7, faz questão de mostrar o interior de sua casa para explicar que perdeu seus melhores móveis com as enchentes: "eu tinha cama boa, geladeira e uma porção de coisas, mas estragou tudo". Ela já pensou em desistir mas recua sempre: "a gente não tem para onde ir".

Para escoar a água do banheiro, sanitário e da pia, o marido de dona Maria escavou um valo ao lado da casa, até a rua, onde as pessoas dividem o espaço com o esgoto a céu aberto que desce para o córrego. O registro de água da família fica exatamente dentro do valo. É impossível se utilizar de fosso nos quintais, pois a água brota a pouco mais de um metro de profundidade. Uma alternativa seria o manilhamento, para o que dona Maria tem a resposta negativa na ponta da língua: "o que a gente ganha dá mal prá comer". Para ela, "isso é serviço da prefeitura". Dona Maria é uma das primeiras moradoras ainda da antiga favela. Os problemas emergenciais, segundo entende, são o saneamento básico e obras para evitar que o rio saia do seu leito. Mas ela se mostra resignada. "Até hoje só puxemo em teta seca", diz, referindo-se às solicitações feitas às autoridades municipais, completando: "eles só prometem resolver tudo na época da política".

A SAÚDE EM RISCO

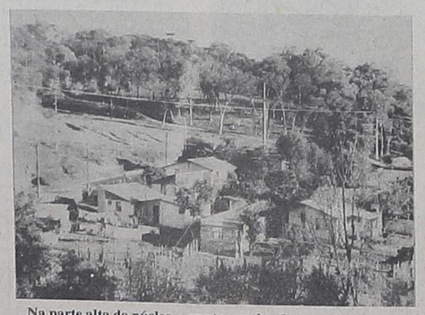
"Acho que Deus cobre essa vila", comenta Elpídio dos Santos, operário de 47 anos, casado e pai de três filhos. "Aqui as crianças brincam no meio dessa invasão de fezes, nem sei como não pegam doença ruim", diz ele. A rua é praticamente o único espaço que os pequenos tem para brincar, pois acima está a avenida e abaixo o rio. O surgimento de infecção de pele é muito comum entre crianças. "Eles tão sempre com alguma ferida, um cocerinha e friera", comenta Hamilton Alves, casado, 33 anos e três filhos, também morador da Rua 7. O atendimento médico primário é feito nos bairros vizinhos, mas o problema nunca é resolvido porque as causas não são atacadas. A população local não conhece o cólera, mas teme que algo de mais grave aconteça pelas péssimas condições de higiene no lugar. "A única coisa que a prcfeitura faz aqui é passar a máquina nas ruas de vez em quando", queixa-se Elpídio. "A gente fala com um, aí ele manda falar com outro e daí eles falam que vão ver mas não aparecem", diz.

FALTA TUDO

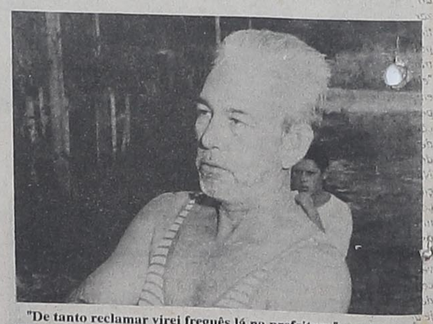
Ouvindo os moradores, os queixumes se generalizam: falta segurança, o caminhão do lixo passa na avenida mas não pára, a escola é longe, não existe uma farmácia ou rede de comércio e a ausência de acostamento na pista asfaltada causa muitos acidentes. "Isso aqui é mesmo uma tristeza – diz Hamilton – não dá nem mesmo pra gente ter uma hortinha". Ele conta ainda que a cada chuva os moradores precisam desobstruir o canal do córrego. "Nós aqui não temos assistência nenhuma", completa. As pessoas se arrumam como podem e em função dos múltiplos problemas e da falta de organização dependem inteiramente do poder municipal. A carência só não é maior que a desconfiança. Quando nossa reportagem se despedia, dona Maria Áurea de Freitas fez questão de falar bem alto, para que os vizinhos ouvissem: "vamos ver se dessa vez não fica só na conversa", demonstrando confundir o papel da imprensa com o das "autoridades".

A primeira vista parece um vazamento. Não é. A água que corre é o esgoto de uma família.

Dona Maria Áurea se diz cansada e lamenta não ter para onde ir.



Na parte alta do núcleo, a vantagem de não ter o riacho ao fundo.



"De tanto reclamar virei freguês lá na prefeitura", conta Elpídio.

Perfil

"É preciso pensar coletivamente"

Fotopar

Waldir Gadens acha que ser empresário exige sensibilidade social.

Ele é diretor da área de comércio da Associação Comercial e Industrial de Campo Largo (ACICL), presidente do Conselho Comunitário de Segurança e além da família e a direção de um grupo empresarial, ainda encontra tempo para dedicar-se ao Centro de Integração de Vivência Cristã, da Igreja Católica. Waldir José Gadens, casado, 36 anos, é um empresário que vê na atuação comunitária uma extensão de seu ofício. Profundamente envolvido com os problemas da coletividade, ele empenha seu esforço e sua capacidade na busca de soluções, "para o bem de Campo Largo". Gadens é o entrevistado de Perfil, localizando dificuldades e apontando saídas.

Na ACICL, Gadens tem se empenhado em valorizar o comércio local. "A grande dificuldade tem sido mostrar ao consumidor que nossa rede comercial oferece tudo o que ele precisa,com qualidade e preços competitivos, para que ele compre aqui mesmo, sem precisar ir a Curitiba, por exemplo", diz. Como ponto positivo ele destaca as campanhas desenvolvidas no Natal, que teve sua terceira edição no ano passado: "estamos começando a atingir nossos objetivos", avalia. A receptividade dos consumidores tem sido grande, atraídos por uma propaganda massiva e pela oferta de bons prêmios. "Esta promoção já está popularizada – nota Gadens – já faz parte da mentalidade dos comerciantes e da população". O prêmio máximo no Natal de 90, um carro 0 Km, foi entregue a uma pessoa de Wittmarsun, "o que mostra que este tipo de promoção atrai consumidores até de cidades vizinhas", assinala. A associação é bastante representativa: "a grande maioria dos comerciantes participa das campanhas que promovemos, instituindo descontos e ofertas, facilidades enfim que possam atrair os consumidores. Isso fortalece a Associação Comercial, que por seu lado tem condições de atuar de modo mais efetivo em benefício de seus associados e também da coletividade", diz Gadens.

NOVOS INVESTIMENTOS

O empresário considera que Campo Largo precisa agora "dar um passo à frente", rever seu projeto de industrialização. "No passado - conta Gardens - se falava muito em trazer para cá grandes indústrias, multinacionais, etc. Agora, eu considero que precisamos investir em pequenas e médias indústrias, identificar as oportunidades de negócios, atrair investidores, despertar o empresariado local para a diversificação da nossa economia, e atuar junto ao poder público para se viabilizar uma infra-estrutura neste sentido". Ele cita como exemplo o pólo cerâmico, o segmento industrial mais forte economicamente: "ele gera impostos e muitos empregos, mas quando a crise aperta, as vendas caem, a produção diminui e acontecem as demissões em massa, gerando graves problemas sociais". Na sua opinião, a diversificação de atividades cria condições mais ideais, pois "quando um determinado ramo vai mal, os outros equilibram a balança, evitando o desemprego em níveis tão alarmantes". Citando recente pesquisa da ACICL, Gadens diz que o município tem hoje aproximadamente 7 mil desempregados.

BOAS OPORTUNIDADES

Mesmo sem maiores estudos, "a olho nú", Waldir Gadens identifica oportunidades de investimentos em Campo Largo nas áreas de hotelaria e de prestação de assistência técnica especializada, afirmando: "é um espaço que perdemos para Curitiba apenas por falta de iniciativa empresarial". Como a cidade está à margem da BR-277, "é grande o fluxo de turistas do Paraguai e da Argentina que passam em direção ao litoral", argumenta "e hoje nós não temos ü hotel que possa atender esta demanda, fazendo com que os viajantes sigam até Curitiba". Seu raciocínio é lógico: "com boas condições de hospedagem o turista poderia pernoitar aqui, para seguir em viagem logo pela manhã, sem o transtorno de ter que enfrentar o trânsito urbano em Curitiba". Algo a ser melhor analisado. Gadens nota ainda, pela própria experiência doméstica, que a cidade é carente em termos de pequenos serviços de consertos de eletro-domésticos e equipamentos eletrônicos. "São espaços de atuação empresarial que precisam ser preenchidos, que tem um campo totalmente aberto. Seria preciso apenas que se estudasse tudo isso melhor, mas é claro que as oportunidades existem", afirma.

MAIS SEGURANÇA

Campo Largo não chega a ser uma "cidade problema", mas sua condição metropolitana gera a necessidade de um esquema de segurança pública mais efetivo. Neste sentido o Conselho Comunitário tem marcado alguns pontos. A partir do próximo anos será aumentado o contingente de policiais com a instalação de uma Companhia Independente da PM. Também se conseguiu para 92 a definição de uma taxa de segurança pública que será cobrada à população junto ao IPTU. "O comando da Polícia Militar é sensível às reinvindicações do Conselho – fala Gadens – inclusive já designou para cá o capitão Sandoval Ribas, aceitando ainda nossa solicitação para que as pessoas de Campo Largo que passarem no curso da PM sejam,efetivados aqui mesmo, pois conhecem melhor a nossa realidade e poderão realizar um melhor trabalho". O município contará em breve também com um sistema de patrulhamento com motocicletas, em umesquema que envolve recursos do Estado e também da coletividade de empresários locais. "Estes policiais serão fiscalizados pela própria população – explica o presidente do Conselho – e que pode tomar o policiamento bem mais eficiente".

FÉ NO TRABALHO

Waldir dirige a "Gadens – Materiais de Construção", na Padre Natal Pigatto, há 17 anos no ramo de madeiras e material construtivo, e se orgulha de ser campolarguense: "esta é uma cidade hospitaleira, com uma população enraizada, próxima da capital e com uma ótima infra-estrutura". Gadens é otimista quanto ao futuro: "eu acredito no Brasil. Este é um País viável e nós iremos vencer a crise com trabalho". Sua atuação no Centro de Integração de Vivência Cristã, como define, "é aquele momento de reflexão, aquela parada para pensar, quando a gente se reúne em casais para avaliar o curso de nossas vidas".

Juízes avaliam que é bom o trabalho do Judiciário

Albino Guérios e Salvatore Astuti substituíram Paulo Habit e Paulo Cesar Bellio na Comarca de Campo Largo, em novembro de 90 e março deste ano, respectivamente. Nestas entrevistas os magistrados avaliam as condições estruturais e de trabalho no Judiciário local, apontando as particularidades e registrando suas impressões. Guérios, juiz diretor do Fórum diz que "as coisas andam bem" e Astuti revela preocupação com a questão do menor. Praticamente recém chegados, ambos destacam a traquilidade da vida em Campo Largo, com clima de interior e todas as facilidades de um grande centro.

O novo diretor do Fórum da Comarca de Campo Largo e titular da Vara Cível é o juiz Albino Jacomel Guérios. Aos 34 anos, casado com Regina Guérios, formou-se em 78 pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Paraná, e ingressou na Magistratura em junho de 84. Guérios está na função desde novembro do ano passado, transferido da Comarca de Palotina, no Oeste do Estado. Levando em consideração a população, "100, 110 mil habitantes segundo me disseram" o juiz acha que o número de processos em trâmite (perto de 1.800) "é pequeno". Para ele, a maior dificuldade até aqui tem sido o fato de precisar morar em Curitiba: "infelizmente ainda não conseguimos alugar um imóvel em Campo Largo".

SOLUÇÕES NEGOCIADAS

Na área cível, Albino Guérios observa uma particularidade. "A maior parte dos processos que avaliamos são de natureza concessória, relativos a posse da terra", explica o magistrado, acrescentando que isso "é muito normal" em comarcas antigas como a de Campo Largo. Não se verificam problemas de posse e titulação dos imóveis, mas sim "a necessidade de se fixar divisas que não estão bem delimitadas no Cartório de Registros", esclarece Guérios. Nestes casos a solução na grande maioria das vezes é negociada entre as partes, efetivando-se acordos de retificação. "Realmente não temos muitos problemas – avalia o juiz – pois os problemas que se apresentam são aqueles normais da convivência das pessoas".

MELHOR QUE A MÉDIA

Para atender os municípios de Campo Largo e Balsa Nova, o juiz diretor avalia que a estruturação de sua Comarca é boa, ressalvando que "o ideal seria trabalhar com 500 ou 600 processos, com computador e não depender financeiramente do município até para pequenos reparos na estrutura física do nosso prédio". A qualidade do atendimento "aos poucos vai se aprimorando", como entende Guérios, com desfechos "mais ou menos rápidos". Conforme o juiz, os processos são iniciados e concluídos em prazos razoáveis, melhores que a média "da tão falada morosidade da Justiça no Brasil", diz, afirmando para concluir que "as coisas estão funcionando bem".

Como a lei exige que o juiz resida na sede da Comarca, Albino Guérios aproveita para lembrar: "seria bom se alguém ofertasse um imóvel à locação".

Salvatore Antonio Astuti, 31 anos e solteiro, concluiu o curso de Direito em 82 também na PUC/PR e completa 5 anos de Magistratura no dia 7 deste mês. Desde o mês de março deste ano responde como juiz titular pela Vara Criminal,como substituto pelas varas Eleitoral, de Família, Menores e Registros Públicos, atuando ainda com corregedor dos cartórios particulares e juiz supervisor do Tribunal de Pequenas Causas. Com um razoável número de processos sobre sua mesa, ele considera que "o volume de trabalho é normal" e que "o aparente acúmulo é normal quando de substituições", avaliando que estará "perfeitamente inteirado" da situação já no início do segundo semestre.

SITUAÇÃO DO MENOR PREOCUPA

Astuti já atuou em várias regiões do Estado e a Comarca de Campo Largo "é a mais populosa" onde exerce o cargo de juiz. Gradualmente ele diz perceber um "ligeiro acréscimo" de processos, salientando os delitos de trânsito, "bem mais que em outras cidades" e crimes contra o patrimônio. Os acidentes, conforme entende o juiz, tem origem no fato da BR-277 praticamente cortar o perímetro urbano do município. Os roubos, furtos e estelionatos que se registram em Campo Largo, Astuti credita às "influências da região Metropolitana". Sua maior atenção, no entanto, é para com a situação do menor, considerada "preocupante" em função do grave quadro social no País.

VIDA MAIS INTERESSANTE

Já residindo em Campo Largo, Salvatore Astuti diz estar "gostando muito da cidade". Para ele é "um privilégio morar e trabalhar aqui", pois "é uma cidade tranquila, típica do interior, mas com ares de grande centro".

A proximidade com a capital do Estado, entende o juiz, estabelece para Campo Largo uma vantagem em relação a outras cidades do mesmo porte: "a vida aqui é bem mais interessante", avalia. Astuti assumiu como juiz substituto na Comarca de Cruzeiro do Oeste, no Noroeste, em 86; em 87 passou a titular em Cândido de Abreu, transferindo-se para Arapoti quando da criação daquela Comarca em 89 e foi removido para Campo Largo no início do ano, a pedido.

Salvatore Astuti considera "um privilégio" estar em Campo Largo.

Fotopar

Guérios se vê às voltas com um problema extra-judicial: casa para morar.

Enfoque Previdenciário

Domicílio bancário

Domicílio bancário, para os efeitos de recolhimento das contribuições das empresas, é, segundo conceito implantado pela Comissão Especial, o banco/agência escolhido pela empresa ou pelos contribuintes autônomos, para nele efetuar o recolhimento de suas contribuições à Previdência Social. Uma vez escolhido seu domicílio bancário, o contribuinte não pode mudá-lo, a não ser anualmente, quando fizer o primeiro recolhimento das contribuições previdenciárias, a partir de 1º de janeiro de cada ano.

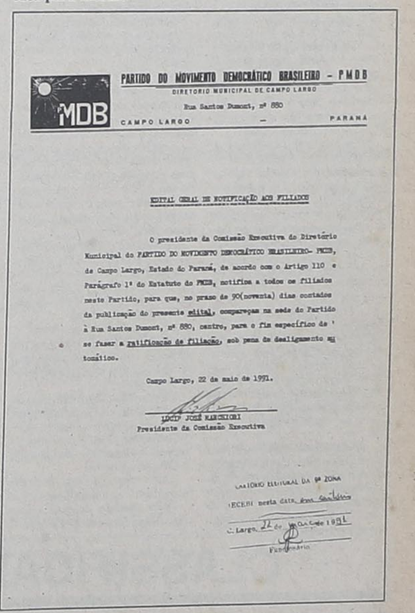
No ano de 1991, o domicílio bancário de cada empresa será o banco/agência no qual o contribuinte fizer o próximo recolhimento de contribuição à Previdência Social, a partir da data do Ato Normativo nº 02/91, de 15/04/91, publicado no Diário Oficial da União em 18/04/91.

Prazos para recolhimento da contribuição previdenciária referência maio/91:

. dia 03/06 – recolhimento normal, sem acréscimo da TRD;

. Dia 07/06 – último dia para recolhimento, com acréscimo da TRD.

- Lucir José Marchiori -
Contador



PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO – PMDB
DIRETÓRIO MUNICIPAL DE CAMPO LARGO
Rua Santos Dumont, nº 880
CAMPO LARGO – PARANÁ

EDITAL GERAL DE NOTIFICAÇÃO AOS FILIADOS

O presidente da Comissão Executiva do Diretório Municipal do PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO- PMDB, de Campo Largo, Estado do Paraná, de acordo com o Artigo 110 e Parágrafo 1º do Estatuto do PMDB, notifica a todos os filiados neste Partido, para que, no prazo de 90(noventa) dias contados da publicação do presente edital, compareçam na sede do Partido à Rua Santos Dumont, nº 880, centro, para o fim específico de se fazer a ratificação de filiação, sob pena de desligamento ao término.

Campo Largo, 22 de maio de 1991.

LUCIR JOSÉ MARCHIORI
Presidente da Comissão Executiva

JUSTIÇA ELEITORAL DA 9ª ZONA
RECEBI nesta DATA, dos Srs. Solicitantes
Campo Largo, 22 de Outubro de 1991
Funcionário

CURSO SIGMA VESTIBULARES
SEMI-EXTENSIVO
MATRÍCULAS ABERTAS
CONVÊNIO COM O POSITIVO
(Apostilas e mat. didático)
Estude bem pagando menos
Localização Central
Apostilas Incluídas
Ótima equipe de Professores
Eficiência Comprovada
Rua Engº Tourinho, 1060
Fone: 292-3871
Campo Largo - Pr
UMA OPÇÃO QUE É SOLUÇÃO

BEM-ME-QUER
Flores Naturais
Arranjos e Decorações
Casamentos - Festas
R. Dr. Xavier da Silva, 1044
Fone: 292-2576
Campo Largo - Pr

Corte - Permanente - Reflexo
Maquiagem - Tintura
Pedicure - Manicure
TONY
Cabeleireiros
Rua XV de Novembro, 9405
Fone: 292-3800
Campo Largo
Paraná

ACERVO HISTÓRICO
MUNICIPAL DE CAMPO LARGO - PR